

**OS EFEITOS DE SENTIDO NO ROMANCE POLICIAL DO ASSASSINO: UMA  
ANÁLISE DE *BUFO & SPALLANZANI***

***THE MEANING EFFECTS IN POLICE NOVEL OF THE KILLER: ANALYSIS OF  
BUFO & SPALLANZANI***

Fernanda Massi  
Doutora em Linguística e Língua Portuguesa  
Faculdade de Ciências e Letras da UNESP/Araraquara  
(massi@fclar.unesp.br)

Ana Luísa Coletti Ricci<sup>1</sup>  
(alcrizzi@gmail.com)

**RESUMO:** No romance policial, o criminoso e o detetive disputam um jogo de perseguição do qual o leitor é mero espectador. Enquanto o criminoso precisa manter sua identidade em segredo para não ser punido, o detetive precisa encontrá-lo para solucionar o mistério em torno do crime. A revelação da identidade do assassino só ocorre no final da história, quando o detetive consegue realizar sua performance e surpreender o leitor. Entretanto, no romance policial do assassino, a surpresa é ainda maior quando o narrador se revela como o criminoso e o leitor descobre que foi enganado ao longo da trama. Como mediador da narração sobre as ações dos personagens, o narrador é a única fonte de informações do leitor e, portanto, deveria ser confiável e honesto. Em *Bufo & Spallanzani*, o narrador afirma ser um grande mentiroso, o que compromete, ainda mais, a veracidade dos fatos narrados. Com isso, o suspense se mantém mesmo quando a história termina, já que não se instaura o efeito de sentido de verdade na narração realizada pelo criminoso. Neste artigo, pretendemos analisar os efeitos de sentido produzidos no romance policial do assassino e discutir sua relação com as características do gênero policial.

**Palavras-chave:** Romance policial. Efeitos de sentido. Narrador. Rubem Fonseca. *Bufo & Spallanzani*.

**ABSTRACT:** In the police novel, the criminal and the detective quarrel a chase game, in which the reader is only a viewer. While the criminal needs to keep his identity in secret not to be punished, the detective needs to find the author of the crimes in order to solve the mystery around the crime. The revelation of the assassin identity just takes place in the end of the story, when the detective is able to carry out his performance and surprise the reader. However, in the assassin police novel, the surprise is even bigger when the narrator reveals himself as the criminal and the reader discovers that he was cheated all along the plot. Being a mediator about the narration of the characters actions, the narrator is the only source of information that the reader has access and, because of it, he should be honest and reliable. In *Bufo & Spallanzani*, the narrator affirms he is a great liar, which compromises, even more, the veracity of the facts told. With this, the suspense is maintained, even when the story ends, since the effect meaning of truth is not introduced in the narration carried out by the criminal. In this article, we intend to analyze the effects of meaning produced in the assassin police novel and discuss his relation with the characteristics of the police novel genre.

**Keywords:** Police Novel. Meaning Effects. Narrator. Rubem Fonseca. *Bufo & Spallanzani*.

---

<sup>1</sup> Graduanda em Letras na Faculdade de Ciências e Letras da UNESP/Araraquara. Pesquisa realizada com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP/Proc. nº 2014/239080).

## O romance policial do assassino

Este artigo apresenta os resultados de uma pesquisa de iniciação científica, realizada com apoio da FAPESP e já finalizada, sobre o chamado romance policial do assassino. Partindo da perspectiva teórica da semiótica discursiva, de origem greimasiana (FIORIN, 2004), estudamos os efeitos de sentido criados pela narração realizada por um dos personagens centrais no gênero policial: o criminoso.

No romance policial do assassino, o narrador se vale de diferentes estratégias enunciativas para preservar sua identidade, enquanto conta a história de uma investigação em busca de um assassino desconhecido. Sendo o narrador a única fonte de informações disponível para o leitor, parece-lhe mais fácil acreditar no que está lendo do que suspeitar do narrador, assim como ele desconfia dos personagens que podem ser o criminoso. Entretanto, quando a verdade é revelada pelo próprio narrador-assassino, ao final da trama, os efeitos de sentido provocados por esse tipo de narração podem fazer o leitor desconfiar da verdade.

Escolhemos para discutir, neste artigo, o romance policial **Bufo & Spallanzani**, de Rubem Fonseca, devido a suas particularidades como romance policial do assassino. Nessa história, o narrador é um escritor que se declara mentiroso, criando o efeito de sentido de suspense não apenas sobre a história, mas também sobre a narração, e fazendo com que esse suspense prevaleça mesmo quando a história termina.

O romance policial tradicional, também chamado de romance policial inglês (BOILEAU; NARCEJAC, 1991), é permeado de objetividade e lógica. As histórias que se inserem nesse gênero seguem regras relativamente rígidas, elaboradas em forma de enigmas que o leitor deve desvendar, sempre acompanhando a figura de uma personagem detetivesca.

No século XIX, Edgar Allan Poe inseriu a figura do detetive Auguste Dupin em seus contos de mistério “Os crimes da rua Morgue”, “O mistério de Marie Roget” e “A carta roubada”, baseado em histórias reais. Assim, a trama policial passou a ser composta pela tríade **detetive – vítima – criminoso**, que estrutura relações importantes para a construção de uma novela policial. Outras características do gênero policial são a presença do mistério, que gera suspense, e o desfecho, que deve ser inesperado.

O romance do assassino é uma vertente do romance policial tradicional na qual o narrador da história é também o culpado pelo crime que desencadeou a ação do detetive. Ao mesmo tempo em que mantém algumas características do romance policial tradicional, como a trama centrada em uma investigação em busca de um criminoso desconhecido, o romance policial do assassino transgride muitas das regras do gênero. A principal delas é a de que o narrador deve ser honesto com o leitor e fornecer todas as pistas para que ele também consiga descobrir quem é o culpado.

Nesse sentido, o gênero policial é dominado pela atividade do detetive em busca da verdade, sendo permeado por mistério, suspense e violência. Em algumas de suas vertentes, como o romance *noir* e o *thriller*, o foco do enredo é a performance truculenta do criminoso (MASSI, 2011). Objetivo e claro, o romance policial tradicional dispensa as paixões e a subjetividade, para que o propósito de compor tramas como enigmas lógicos não esteja fadado ao fracasso.

Os homicidas dos romances policiais tradicionais eram movidos por paixões como o egoísmo, a ganância, o orgulho e foram moldados nos contos policiais de Edgar Allan Poe e nos romances policiais de Arthur Conan Doyle, Georges Simenon, Agatha Christie, entre outros grandes nomes do gênero. O crime sempre lhes oferecia uma recompensa, que compensava a manutenção do segredo sobre sua identidade. Apesar de manter essas regras essenciais para a construção de uma novela policial, o romance do assassino irá transgredi-las ao trazer em sua composição a figura de um narrador, que é também o assassino, e paixões diversas que movem esse criminoso (ódio, medo, amor, ansiedade, egoísmo, loucura).

A principal transgressão do romance policial do assassino se dá por meio do narrador-assassino, o qual irá narrar a trama com a intenção de ocultar sua verdadeira identidade do leitor e das demais personagens, utilizando-se de análises subjetivas, opinando sobre as ações das outras personagens e induzindo o leitor a acreditar em sua inocência. A manipulação do discurso é essencial no romance policial do assassino, posto que é por meio dela que o narrador buscará ocultar sua identidade criminosa, fazendo o leitor acreditar em sua inocência até o final, quando a verdade é revelada e o narrador desmascarado.

A presença do narrador-assassino faz com que a narração siga caminhos menos objetivos e convenientes para o gênero. Segundo Todorov (1964, p.101), “[no romance policial] 6. Não há lugar para descrições nem análises psicológicas”. A

objetividade é vital para que o romance policial seja eficiente, segundo sua proposta de fazer com que o leitor acompanhe o detetive em suas descobertas e consiga compreendê-las ao final, como se montasse um quebra-cabeças ao longo da leitura.

Por outro lado, a subjetividade é muito importante na composição do romance policial do assassino, sendo um dos elementos que contribuem para a construção do mistério e do suspense na obra. Seu principal efeito de sentido é o de enganar o leitor, de modo que este se surpreenderá diante da revelação do criminoso como o próprio narrador, alguém que o leitor considerava aliado na tentativa de descobrir a identidade do culpado. Este fator é algo que causará assombro e surpresa no leitor.

Tradicionalmente, a sanção do romance policial é aquela em que o detetive, após realizar sua performance investigativa, entrega o criminoso a um destinador-julgador, que será responsável por sua punição, para que a paz e a ordem sejam reestabelecidas na sociedade (MASSI, 2011). Nessa vertente do romance policial, o criminoso nem sempre é sancionado negativamente por um destinador-julgador, podendo caber ao leitor essa função.

A transgressão ao gênero policial continua a ocorrer, no romance policial do assassino, por meio de empecilhos sentimentais que interferem na conduta do criminoso e dos demais personagens da trama, tornando-os mais humanos e reais. Normalmente, as paixões são desprezadas pelo romance policial tradicional, por serem capazes de afetar a trama e sua objetividade, podendo descaracterizar o gênero. Ainda que o faça, o romance do assassino não deixa de ser uma vertente do romance policial, e não um gênero novo e completamente diferente.

### **Bufo & Spallanzani**

**Bufo & Spallanzani**, de Rubem Fonseca, é uma obra bastante significativa entre os romances policiais do assassino, que foi publicada em 1985 e transformada em filme em 2001. Nela, o narrador continua tentando justificar sua inocência para o leitor mesmo após revelar-se como o criminoso. Outra transgressão particular desse romance policial é o fato de não haver uma figura detetivesca que revele a identidade do criminoso e, muito menos, alguém que o encaminhe para uma punição, um destinador-julgador. Há apenas um inspetor, Guedes, que não consegue provar a culpa de Gustavo Flávio, justamente por ele ser o narrador da trama e controlar suas ações. Sendo assim, no romance policial de Rubem Fonseca, a sanção cabe apenas

ao leitor, que deverá decidir se acredita que o narrador é o criminoso e, em caso positivo, se ele mereceria ser punido ou não. A punição é apenas uma hipótese, pois quando o culpado é revelado não há mais tempo (nem história) para isso ocorrer.

Mesmo que as possibilidades de transgressão do gênero sejam maiores no romance policial do assassino, **Bufo & Spallanzani** é peculiar com relação a outros romances policiais do assassino, o que também caracteriza a obra de Rubem Fonseca (MASSI, 2011). O narrador-assassino desse romance policial utiliza sempre a ironia em seu discurso, estabelecendo uma conversa com um suposto leitor, de modo a criar um laço afetivo com ele, que depositará sua confiança no narrador. É também peculiar a maneira como o narrador conduz a trama, criando efeitos de sentido inesperados para o gênero policial, dentre os quais o principal é enganar, e não surpreender, o leitor.

A história de **Bufo & Spallanzani** se passa no século XX, na cidade do Rio de Janeiro, tendo seu início a partir da trágica morte de Delfina Delamare, uma rica carioca, amante do famoso romancista Gustavo Flávio (pseudônimo de Ivan Canabrava). Ao ser considerado suspeito do assassinato pelo inspetor Guedes, o romancista irá relembrar sua juventude, fazendo a trama fugir do assassinato para que o foco do enredo se torne sua vida em um momento anterior ao da narração.

Gustavo Flávio caracteriza-se como um narrador autodiegético, de focalização interna onisciente (GENETTE, 1995), ou seja, é a personagem central da trama que conta as suas próprias experiências. Sendo sua focalização interna onisciente, o narrador pode descrever e analisar o âmago das demais personagens, vendo e compreendendo-as por completo. O narrador autodiegético deixa mais evidente a figura de uma personagem que possui intenções, as quais regem sua narração, e que é a personagem central da trama. Ao mesmo tempo em que a história se passa em torno desse personagem, é ele quem determina o como e o que será narrado. Com isso, Gustavo Flávio se porta de maneira superior aos demais personagens, já que está no controle da narração.

Nesse ponto, o narrador se assemelha muito ao autor diante de suas personagens, sendo aquele que pode analisar o interior e o exterior de cada uma delas, como o criador diante de sua criação. Eis que a possibilidade de o narrador-assassino estar manipulando seu discurso e os fatos torna-se mais visível, devendo deixar o leitor mais atento e desconfiado perante tudo o que lhe será contado.

A maneira como Gustavo Flávio conta a história é um dos elementos que compõem o mistério e o suspense, além de ser o meio principal pelo qual ele manipula o discurso a seu favor, a fim de ocultar sua identidade criminosa e defender sua inocência perante o assassinato de sua amante, Delfina Delamare. Mesmo quando não consegue mais ocultar sua identidade criminosa, o narrador não deixa de manipular seu discurso, ao tentar justificar suas ações. Atenta-se, então, para o leitor acreditar que não cometeu o crime friamente, mas sim por amor e compaixão, posto que sua amante estava doente e não tinha mais vontade de viver. Nesse sentido, Gustavo Flávio tenta se colocar como um salvador do tormento vivido por Delfina, um herói, e não um assassino que agiu por motivos pessoais – assim como os criminosos do romance policial tradicional. Mesmo que não negue sua identidade criminosa, Gustavo Flávio tenta justificá-la para amenizar o julgamento que deve receber do leitor.

O narrador de **Bufo & Spallanzani** conduz a narração de modo muito divergente dos preceitos do romance policial. Isso porque apesar de ser o pretexto para que a história de fato exista, o crime (e a investigação decorrente dele) não é mais o foco do enredo, deixando de ser, portanto, o alicerce da trama. Quando o narrador começa a contar fatos de sua vida, o assassinato de Delfina vai perdendo importância no enredo – como acontece no romance policial *Mandrake, a Bíblia e a bengala*, também de Rubem Fonseca (MASSI, 2011). Assim, o narrador tenta distrair o leitor para que ele não se preocupe mais com o assassinato e preste atenção à biografia de Gustavo Flávio. Entretanto, o leitor de romance policial não se conforma com o esquecimento de um crime e com a não descoberta da identidade do criminoso. A catarse proporcionada pela narrativa policial ocorre quando o culpado é encontrado e punido, logo, esse desfecho não é facilmente aceitável e o leitor percebe que se trata de uma estratégia do narrador.

O narrador-assassino de **Bufo & Spallanzani** sempre traz muita ironia em seu discurso, além de fazer divagações e suposições, tornando a manipulação do discurso ainda mais evidente e viciosa. Assim, o criminoso cria um ciclo de manipulação, o qual não será rompido ao final do romance, mesmo quando é revelada sua identidade. As hipóteses levantadas por Gustavo Flávio sobre acordos que fizera com um suposto leitor e a conversa que com ele parece travar são características do narrador de **Bufo**

**& Spallanzani**, que utiliza esse estilo para fazer seus relatos parecerem, aos olhos do leitor real, mais verossímeis.

A manipulação de Gustavo Flávio entre o *ser vs. parecer ser* torna-se evidente e faz o leitor questionar-se ainda mais sobre quem é, na realidade, esse homem: um escritor apaixonado e excêntrico ou um criminoso frio, egoísta, desequilibrado e louco? Alguns traços no perfil da personagem se revelam em sua própria narração, quando ele diz, por exemplo:

[...] Eu estava começando a enlouquecer quando Minolta me salvou. A espécie humana talvez ainda tenha os seus dias contados, mas a loucura não ronda mais a minha porta. Não quero mais pensar em hecatombes de maneira mórbida. Enquanto o fim não chega, e para evitar que chegue, o homem tem que amar (FONSECA, 1985, p.183-184).

Essa passagem deixa claro que o narrador, em algum momento, esteve à beira da loucura, como se parecesse enganar a si mesmo, perdendo o controle de sua própria consciência e não conseguindo mais distinguir a mentira da verdade. Desconfiado desse narrador, o leitor também não consegue afirmar se aquilo que foi narrado é verdade ou mentira. Nota-se que essa loucura não é apenas um perigo iminente, que rondava a personagem, mas sim uma patologia que arrebatou Gustavo Flávio, tornando-o, possivelmente, o mentiroso que é. Apesar de querer ser um homem diferente e não degradado pelo convívio social, Gustavo Flávio é um sujeito malévolo e deturpado, alguém que, além de gostar de pensar no sofrimento dos outros, não mede esforços para alcançar seus objetivos.

Sendo assim, Gustavo Flávio não hesitaria em matar sua amante, a fim de ver-se livre dela para que, então, pudesse terminar de escrever seu romance, o qual estava parado havia algum tempo, por culpa de Delfina. Entretanto, não seria fácil libertar-se da amante, que estava decidida a deixar o marido para casar-se com ele.

O narrador de **Bufo & Spallanzani** cria um efeito de sentido diferente daquele criado pelos narradores de outros romances policiais do assassino, que buscam um fazer parecer verdadeiro, que transmita credibilidade ao leitor. A narração de Gustavo Flávio cria o efeito de sentido de **suspense**, que irá perdurar mesmo ao final desse romance policial, pois o narrador não é uma personagem confiável: “todo escritor é um mentiroso” (FONSECA, 1985).

Ainda que não tenha cometido o crime por pena e compaixão de Delfina, o narrador precisa manter essa versão da história para não ser punido pelo homicídio. Dessa forma, prefere sustentar a imagem de um homem apaixonado e piedoso, que matou a amante diante de seu pedido desesperado. Delfina Delamare fora encontrada morta, com um tiro no peito, dentro de seu carro de luxo, em uma rua escura e deserta do Rio de Janeiro. Segundo o narrador-assassino, ela sofria de uma doença terminal (leucemia), descoberta havia pouco tempo e preferiu matar-se a definhar diante desse mal. Embora o narrador conte que Delfina fora ao médico e ele havia dado um laudo confirmando a doença, o leitor não tem meios de saber se essa é a verdade, pois ela está sendo mediada pelo narrador-assassino. Visto que Gustavo Flávio é um escritor conhecido por seus romances, também seria esteticamente mais belo que tivesse matado Delfina por amor e não por motivos pessoais.

De acordo com essa versão do crime, de que Delfina pediu para morrer, vê-se que Gustavo Flávio podia e devia cometer o crime, apesar de afirmar não querer cometê-lo. Contudo, não se pode esquecer que Gustavo Flávio é um narrador autodiegético, uma personagem que afirma, a todo momento, estar acostumado a mentir. Sendo assim, não há garantias de que ele esteja sendo verdadeiro tanto ao narrar sua vida quanto ao contar sobre o assassinato da amante. Mentindo sobre a verdade por trás do crime, conclui-se que o narrador forjara a história do suposto crime por amor, um alibi perfeito para acobertar a verdade. Nessa segunda versão da história – a de matar Delfina para terminar de escrever seu romance – ele estaria sendo movido pelas paixões do egoísmo, da crueldade, da frieza, ou seja, agindo por motivos pessoais. Ao optar por contar a versão da história de que Delfina havia pedido que ele a matasse, Gustavo Flávio também está agindo de modo egoísta, visto que simula uma imagem de homem sensível e piedoso.

Embora a dúvida permaneça em suspenso, optamos por concluir que Gustavo Flávio assassinou Delfina Delamare motivado pelo desprezo, frieza e egoísmo, pois, apenas matando-a ele conseguiria a liberdade que desejava para terminar de escrever seu romance. Ele queria, devia e podia matá-la: tinha os instrumentos para tanto (revólver) e o momento propício (estavam em um carro de vidros escuros, praticamente à prova de som, em uma rua escura e deserta, no meio da noite). A doença de Delfina, sendo ou não verdadeira, foi vantajosa para Gustavo Flávio, pois serviu de justificativa (e alibi) para o crime cometido. Assim, independentemente da



motivação para o crime, se para terminar seu livro ou para tirar Delfina do sofrimento, Gustavo Flávio conseguiu se beneficiar desse assassinato e, por isso, não hesitou em se revelar como autor do crime para o leitor.

### **Considerações finais**

O romance policial do assassino revelou-se bastante inovador ao gênero policial por transgredir uma de suas principais regras: a de que o narrador deve ser honesto com o leitor e fornecer informações que lhe permitam acompanhar a investigação realizada pelo detetive para descobrir o culpado pelo crime.

Nesse tipo de narrativa tradicional, o leitor confia no narrador e no detetive e sente-se aliviado ao final da trama, quando vê o criminoso sendo revelado e entregue a um destinador-julgador (a polícia ou a justiça), que será responsável por sua punição. Assim, o efeito de sentido de suspense permanece ao longo da trama, dando lugar ao efeito de sentido de verdade em seu final, ou seja, o suspense termina quando a identidade do criminoso é revelada pelo detetive, que percorreu a verdade ao longo da trama.

Já no romance policial do assassino, o suspense se mantém mesmo quando a história termina. Ao descobrir que o narrador é também o culpado pelo crime, o leitor passa a desconfiar de tudo o que foi narrado, visto que ele fora enganado o tempo todo. Além disso, o papel do detetive fica em segundo plano, principalmente quando o narrador é onisciente, e o criminoso seleciona aquilo que vai contar para o leitor a fim de manter sua identidade em segredo, pelo menos, para o leitor, já que nem sempre ele consegue manipular a ação do detetive, apenas o discurso sobre ele.

Embora a tríade do romance policial centre-se na vítima, no criminoso e no detetive, o narrador também tem um papel fundamental na história, pois age como mediador dos fatos ocorridos. Ele é a única fonte de informações do leitor, que se vê obrigado a acreditar no que está lendo para que a narrativa permaneça fluida.

O efeito de sentido de surpresa causado pelo romance policial do assassino também se dá porque o leitor do gênero não espera que o criminoso seja o próprio narrador, o único personagem com quem ele estabelece contato ao longo de toda a história.

Assim, concluímos que o romance policial do assassino é uma vertente da narrativa policial, a qual avaliamos como pior ou melhor do que os romances policiais

tradicionais, mas que podemos considerar inovadora e transgressora das regras impostas ao gênero.

### Referências

BOILEAU, P.; NARCEJAC, T. **O romance policial**. Tradução de Valter Kehdi. São Paulo: Editora Ática, 1991. 96p.

FIORIN, J. L. **Elementos de análise do discurso**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004. 126p.

FONSECA, R. **Bufo & Spallanzani**. São Paulo: Companhia das Letras, 1985. 238p.

GENETTE, G. **Discurso da narrativa**. 3. ed. Lisboa: Veja, 1995. 276p.

MASSI, F. **O romance policial do século XXI – manutenção, transgressão e inovação do gênero**. São Paulo: Editora Cultura Acadêmica, 2011. 168p.

REIMÃO, S. L. **O que é romance policial**. 2. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983. 87p.

REIS, C.; LOPES, A. C. M. **Dicionário de teoria narrativa**. São Paulo, Ática, 2000. 327p.

TODOROV, T. **Os gêneros do discurso**. Tradução de Ana Mafalda Leite. Lisboa: 70, 1981. 335p.

Recebido em 26 de julho de 2016  
Aceito em 16 de dezembro de 2016